

# **“ FESTA COMO PERFORMANCE E CONTRADIÇÃO : NEGROS E ÍNDIOS , CABOCLOS E ESCRAVOS EM CONFLITO”**

**Vanessa Regina dos Santos**

Mestra em Antropologia pela UFS

vanessa.regina1984@gmail.com

## **RESUMO**

A festa conhecida como “teatro a céu aberto” tem como cenário as ruas de Laranjeiras, uma pequena cidade localizada no interior do Estado de Sergipe-Brasil em que sua história foi construída por conflitos de classes entre brancos, negros e índios, seu nome é Festa dos Lambe Sujos versus Caboclinhos. A luta apresentada teatralmente é a saga do negro em busca de liberdade, fugidos das fazendas de cana de açúcar, constroem seus refúgios nas matas, caçados e capturados pelos índios. Revelam-se por meio dos gestos, da oralidade (perceptível pelas músicas, suas letras entoadas e falas elaboradas) pelas indumentárias como roupas e adereços, símbolos que buscam compor a história pungente da cidade de Laranjeiras.

Palavras-Chave: Festa cultural, rito, dramas sociais.

**" FEAST LIKE PERFORMANCE AND CONTRADICTION : BLACKS AND  
INDIANS , CABOCLOS AND SLAVES IN CONFLICT "**

**ABSTRACT**

The party known as "Open-air theater" It is set in the city streets of Laranjeiras, a small town in the State of Sergipe – Brazil which depicts a story built by class conflicts between whites, blacks and Indians, with name, Lambe sujo vs Caboclinhos. The theatrically presented struggle is the saga of the black man in search of freedom, escaped the cane sugar plantations where they were enslaved, build their shelters in the forests, hunted and captured by Indians. They are identified by means of gestures, orality (observed by their music, their slang) the costumes and props in clothes. symbols seeking to compose the poignant history of the city of Laranjeiras.

Keywords : cultural festival , rite, social drama .

## INTRODUÇÃO

Entender através da Antropologia Cultural e Social quais são os principais questões que concerne no termo festa não é tarefa fácil e simples, tampouco engessada, traçada a fechamento unívoco da sua teoria. Esboçar a sua estrutura como um objeto pautado a caracteres universais foge da sua funcionalidade, diferentemente de uma busca com exatidão de fatos e consequências, planar no terreno movediço sobre festa é se deparar com inúmeras dúvidas e impasses.

O presente trabalho não seguiria uma trajetória diferente das diversas interpretações acerca da festa e sua abrangência. Diante disso, lambe sujós versus caboclinhos permite observar pela performance o mecanismo plausível de representação que mitifica e sobretudo contradiz a sua própria concepção de festejar, ou seja, se ao mesmo tempo representa um passado se comemora a própria derrota.

Em resumo, festa tem funções e finalidades, seu principal objetivo é o de celebrar algum acontecimento marcante de um grupo ou comunidade, quer dizer, tanto o conceito quanto a prática festiva buscam oficializar por meio das suas ações mitos e ritos em torno de um fato específico.

Pensar em negros e índios dentro da perspectiva cultural é logo deter-se em características que retomam a uma construção social pautada em divergências, principalmente a lutas de classes e muitas vezes de conflitos. Ao localizar a festa cultural em Laranjeiras é antes de tudo compreender pela sua construção e desenvolvimento histórico sobre os dramas sociais que fomentaram esta cidade em específico, uma preocupação pertinente no que confere ao imaginário social envolto de uma festa popular como os lambe sujós.

Contudo o que leva a pensar uma festa como um meio pungente de representação teatral em que seu ápice é comemoração da própria derrota? Quais são os processos sociais que fazem parte da construção de uma festa como esta? Como a teoria da performance dialoga coerentemente com festa? Já que festa é inversão temporária por que a festa ainda reforça a ideia de derrota do negro? Destaque para algumas perguntas que norteiam o objeto aqui pesquisado e partindo destas que a descrição etnográfica toma seu lugar como prioridade além de entender pelo mito e ritos quais são os elementos que fomentam as perguntas em questão.

Dentro da amplitude sobre os componentes que englobam a teoria da festa, a diversidade de sentidos e suas pluralidades, esclareço que não tenho alguma pretensão de

esgotá-las, mas ao propor pela performance clarear como as ações aparentemente desordeiras, bagunçadas possuem mitos e abrem o caminho para entender como o todo desorganizado da ação festiva, revelam dramas sociais e suas contradições.

Dando destaque a performance como caminho revelador da contradição social que em outras palavras a festa e a performance dialogam de maneira coerente que conseguem dar sentido a manifestação cultural sem perder seu sentido principal que o de festejar.

O todo desorganizado em que a festa aparentemente se apresenta revela uma estrutura composta de mitos, histórias orais e de múltiplos sentidos que a mantem ou até mesmo justificam a sua permanência dentro do cenário social laranjeirense. Com isso a encenação dos grupos permite uma inversão temporária de papéis socialmente construídos ao longo da história da formação da cidade, significa pensar como o tempo está combinado pelas ações, gestos e símbolos para compor e dar sentido a festa em questão.

Começando pela arrumação do ambiente em que todos os objetos nos leva a observar o tempo e espaço acerca da história e do imaginário cultural da cidade, são cores, gestos, roupas, materiais que trazem uma carga simbólica pertinente, além de falas entre tantos outros fatores que remetem a memória social.

Seguindo esta perspectiva histórica, ao utilizar da técnica etnográfica uma aliada ao campo de pesquisa, buscando elementos que traduzam sobre o que se fala e quem se fala seu contexto construído pautado em muitos elementos históricos que marcaram Laranjeiras.

Pensada a partir daí, o grupo dos lambe sujos e caboclinhos figuram um universo emblemático sobre o que definem o negro e o índio na formação histórica e cultural da cidade. Destaque da apresentação, por assim dizer, é observar como os dramas sociais se inserem durante a festa como um todo, também significa pensar que a memória coletiva torna-se parte essencial de sua estrutura, justificada assim pelas múltiplas interpretações como um modelo epistemológico que nos leva a tê-la como um fenômeno analítico em que os pares mito/rito, teatro/performance estão construídos sob uma perspectiva de relações diversas, mas sempre se correlacionam na qual toda a sua estrutura reforça e enfatiza os dramas sociais/culturais, por assim dizer.

A festa torna-se um processo de reinvenção em que seus símbolos remetem a história da construção da cidade, reinterpretada de maneira lúdica, uma conexão entre o passado e o presente, falo aqui especificadamente da questão econômica, em que a relação

entre grupos esteve muito além do conceito de raça<sup>1</sup> e que ainda continuam tão atuais quanto os tempos de escravidão.

Tendo pela performance e o teatro o embasamento analítico sobre as abrangências que a festa consegue adentrar, pensada sob a perspectiva de causa e efeito social, em que todos os envolvidos estão ali para representar a história, uma identidade, uma luta e como o processo foi sendo construído no desenvolvimento da sociedade.

Os desdobramentos e as mudanças ao longo dos anos tornaram-se elementos de fundamental importância para compreender as análises sociais que a festa consegue transmitir sem, contudo torna-se uma verdade plena, ou seja, uma preocupação de emoldurar pela ação festiva um ato único de entender Laranjeiras em sua totalidade.

### **MATERIAIS E MÉTODOS**

Por ser uma pesquisa que busca situar o tempo histórico social para entender os símbolos recorrentes da festa como um evento popular lambe sujos e caboclinhos em Laranjeiras traz um importante significado sobre o estudo da performance cultural, seguindo o perfil etnográfico a qual me proponho, sem destoar da realidade que a festa representa, a pesquisa teve o cuidado em localizar pelos discursos o sentido diverso do contexto como é pensado por aqueles que participam do evento.

A descrição etnográfica após a pesquisa de campo visa discorrer sobre determinado assunto ou objeto, utilizando como recurso algumas metodologias científicas mais comum das ciências sociais, como a pesquisa participante, entrevistas, questionários e as pesquisas bibliográficas, sendo estas últimas o diálogo coerente que o objeto norteia. Em destaque a antropologia interpretativa tomou seu espaço dentro das pesquisas e das análises com Geertz (2008) interpretar é tomar distanciamento do objeto, mas a sua descrição traz elementos estruturais para a composição de seu objetivo, a estrutura pode estar visivelmente ampliada ou intrínseca nas ações apresentadas:

O etnógrafo “inscreve” o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente[...] A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação de significados, uma avaliação das conjunturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjunturas e não a descoberta do Continente de Significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea. (GEERTZ,2008,p. 12 )

---

<sup>1</sup> Tema que não pretendo abordar, mas a sua citação torna-se indispensável dentro do enredo.

O conceito de inversão mudou sobre o que se conhecia e compreendia sobre festa, acredito ser coerente fazer a distinção entre a inversão e a mudança social, ou seja, inverter não correspondia a uma revolução, mas uma extensão da vida cotidiana, o povo por um determinado momento toma as ruas e suas sensações são esplanadas, exaltadas coletivamente, junto com o prazer e o humor, às vezes sarcástico.

Festejar é do próprio homem, as relações estabelecidas desde a época das colheitas e das caças geravam motivo para comemoração, mas é a partir desta ideia que se estabelece os critérios a serem comemorados e apreciados por todos.

Como fala da Matta (1987) a festa é como um campo de encontro, de mediação e de polissemia social, tudo durante determinado momento é devidamente aceitável, tornando-se um mundo da conjunção que tudo aglomera, vista além das percepções da desordem momentânea ou como somente um rito de inversão avança as fronteiras e toma as ruas o lugar profano, do exagero.

Pensada a partir de mudanças contínuas em que a festa consegue agregar na sua estrutura, a pesquisa participante e idas ao campo foram de fundamental importância como metodologia aqui aplicada.

Ao propor fazer uma análise científica a partir do conceito festa e suas similitudes em especial a cultura de um povo é ter a preocupação de compreender suas partes, começando pela memória coletiva, sua oralidade e como a própria sociedade se enxerga diante do fenômeno.

Com o jargão “o maior teatro popular a céu aberto do Brasil”, utiliza como palco as ruas arquitetônicas de Laranjeiras Colonial, revelam um misto de preservação patrimonial e modernidade, que se mantém viva na reminiscência daqueles que a conhece, permanece no contexto cultural há mais de noventa anos.

A festa retrata as relações conflituosas entre negros e índios na época da ascensão das fazendas de cana de açúcar. Com o ápice econômico junto à necessidade de baratear os custos da produção, os senhores de engenhos tentou usar os índios como mão de obra neste processo, segundo as histórias oficiais contadas em livros, registradas em jornais da época, estes mesmos não aceitavam a condição, rebelavam-se prejudicando a produção açucareira.

Como já conhecida as relações de interesse econômico, a exportação ilegal de trabalhadores africanos tornaram-se comuns para época. Na contramão da realidade, aqui estes chegavam e encontraram trabalho árduo, explicando as fugas e rebeliões.

A encenação teatral de caráter espontâneo ao ar livre<sup>2</sup> representa o ponto fulcral do conflito entre escravos negros e indígenas, sendo enveredada pela historiografia da formação social da cidade a justificativa da festa. É notório ao longo dos dois dias do evento como a performance toma destaque em meio ao clima e a efervescência daqueles que corroboram e participam de maneira direta ou indireta na organização.

O conjunto de símbolos, de ritos, de mitos e encenações que de um lado está os negros e do outro os índios, transmitem pelo todo organizado contextos que legitimam e preservam a memória e a história, dando suporte metodológico para tanto.

## **LAMBE SUJOS E CABOCLINHOS: A ENCENAÇÃO SERGIPANA**

A festa dos lambe sujós versus caboclinhos que como muito bem fala mestre Zé Rolinha<sup>3</sup>, “teatro a céu aberto”, é pensar como toda a prática não é senão um momento composto de mitos, histórias narradas em que os ritos compõem toda a sua trajetória.

Figura 1- Lambe sujós



Fonte: pesquisa de campo da mestrandia Laranjeiras/SE, 12-10-2014.

O grupo dos Lambe sujós que representam os negros, saem vestidos de short e boina de cor vermelha, o corpo recebe uma tinta de cor preta brilhosa feita dos resquícios da moagem da cana de açúcar acrescentado pó xadrez preto e sabão em pedra que misturados dão a tonalidade e aderência a pele, complementam o personagem com objetos que remetem ao trabalho de colheita como facões e foices<sup>4</sup> assim como chupetas e falas irreverentes.

---

<sup>2</sup> Expressão utilizada no cartaz do evento no ano de 2015. Fonte: Prefeitura Municipal de Laranjeiras.

<sup>3</sup> Zé Rolinha: Coordenador e mestre do folguedo lambe sujós.

<sup>4</sup> Facões e foices feitas de materiais não cortantes como madeira ou papelão.

Dentro do grupo existem personagens como a mãe Suzana considerada a feiticeira/curandeira e assim como o pai Juá, uma espécie de preto-velho/curador, o rei, o príncipe, os taqueiros cuja função é de manter a ordem, o negro forro, que no embate final sobe no mastro e avisa a aproximação do grupo rival, e demais componentes, em sua maioria brincantes e moradores da cidade compondo desta maneira o quadro simbólico do folguedo.

É este teatro de rua que conseguimos constatar como a restauração de conflitos sociais estabelecidos dramaticamente, em que de um lado encontra-se a guerra entre os negros que enfrentam os índios e que estão a serviço dos brancos para aprisioná-los e de outro, o conflito entre escravos e os feitores (conhecido como capitães do mato) que a todo o momento encenam a resistência em serem capturados e buscam a fuga insistentemente.

Os grupos dos caboclinhos que representam os índios apresentam-se devidamente trajados com sua indumentária composta por penas, brilhos e adereços como objetos de caça, assim como o outro grupo também completam a performance com a pintura de pele, com tom avermelhada é feita de tinta xadrez misturada a água e sabão em pedra, dando uma tonalidade fosca. Neste grupo existem dois personagens importantes para compor a trama, o rei e a princesa, o primeiro como pessoa central das negociações da soltura de sua filha que é raptada pelo grupo dos negros, momento este que dá ênfase ao conflito como contexto lúdico.

Figura 2- Caboclinhos



Fonte: pesquisa de campo da mestranda Laranjeiras/SE, 12-10-2014.

No decorrer das encenações, ambos os grupos circulam pelas ruas da cidade cantando e brincando, os lambe sujos mais espontâneos, costumam sujar aqueles que ousem não contribuir com trocados (usam para compra de bebidas alcoólicas em sua maioria) que justificam como ajuda para comprar a liberdade simbólica.



Os caboclinhos segue a direção contrária, circulam pela cidade com atos contidos, ao som dos instrumentos musicais e entoadas pelo refrão “negro correu, caboclo pegou”, quando ocorre o encontro dos grupos os embates acontecem e logo se dispersam.

Antes, no sábado logo cedo um caboclinho amarra um lambe sujo pela cintura e seguem pela feira da cidade, obrigando-o a pedir ingredientes para a feijoada (outro momento da festa).

São estes ritos festivos ou denominados como “ritual da festa” segundo Schechner (2012), que ele chama de “restauração do comportamento”, que tais atos revelam a perspectiva em que na estrutura toda festa é igual, mas na sua prática e desenvolvimento as diferenças tomam seu lugar, já que não há repetição na íntegra de eventos ano após ano, pequenas alterações acontecem e com elas novos sentidos.

O mocambo é construído na entrada da cidade que servirá de palco para ações posteriores. No domingo, às quatro horas da manhã com batuques e fogos de artifícios, todos seguem para casa de mestre Zé Rolinha, representação da invasão dos negros, a euforia toma conta dos participantes, todos seguem num só ritmo e cantoria:

*Tava capinando a princesa me chamou, alevanta nêgo  
Cativeiro se acabou.  
Samba nêgo, branco não vem cá  
Samba nêgo, branco não vem cá  
Se vier pau há de levar*

Num contágio performático e capcioso, por assim dizer, os lambe sujos seguem o itinerário da alvorada, completam o enredo musical:

*Eu chorei, o povo chorou  
O cadê a mochila que o cão carregou?  
Samariquinha do Tapicuru  
Samariquinha do Tapicuru*

Entre desafiar os taqueiros e exceder nas atitudes, o clima de euforia toma destaque, é notório durante o percurso como o público e os brincantes aderem ao ao contexto de excesso permissíveis.

Ao término da alvorada os dois grupos reúnem-se para a pintura corporal e completar o vestuário, observa-se que os últimos anos a procura do público em caracterizar principalmente de lambe sujos tem crescido significativamente.

Além dos mitos e ritos que fazem parte das festas ditas como culturais, as questões religiosas também tem papel fundamental dentro deste evento. A festa lambe sujós e caboclinhos apresenta o diálogo entre duas matrizes religiosas: a católica e a africana, aonde o grupo dos negros tem na composição figuras representativas de matriz africana que são homenageadas <sup>5</sup>.

Dando continuidade às atividades da manhã do domingo com a presença do rei dos lambe sujós, o grupo seguem o trajeto ao som de cantos e batuques para o terreiro Nagô Santa Bárbara Virgem, pedindo a benção pela peleja que os esperam. Após a benção, eufóricos continuam a cantarolar: “*vou pra terra de congo, vou ver Angola, adeus parente que eu já vou embora*”, seguem todos a caminho do próximo encontro que acontece a porta da igreja matriz Sagrado Coração de Jesus e culmina com a benção do padre aos participantes.

Este ato cênico como parte integrante da configuração festiva, entoa uma série de discursos de pertencimento e de um referencial sagrado em que o evento consegue agregar de maneira diversa, mas lógica no sentido de desenvolvimento. O momento não é de demarcações entre qual será a religião certa e sim de mostrar como os discursos de adversidade desmitificam, havendo um diálogo quando o único objetivo é diversão e manter a cultura viva.

A exegese da festa como um contexto ritual compõe pelas cenas seguintes determinadas simbologias que dão o sentido, sendo pelos gestos, pelas roupas e pelas falas a unidade representativa dos grupos. Pelas ruas da cidade em direções diferentes os lambe sujós continuam a cantando, como também os caboclinhos, mas em determinado momento ambos os grupos se encontram e ocorre o primeiro confronto (embate).

De maneira ritualística, assim como os lambe sujós, os caboclinhos pegam o príncipe em casa, cortejado e reverenciado continuam a caminhar pela cidade. No encontro repentino, estalos de espadas tornam-se os sons que conduzem este contato, de um lado os negros e do outro os índios se confrontam, logo se dispersam, ambos os grupos continuam, com animação, muita música e batucadas.

---

<sup>5</sup> A palavra “homenagem” posta entre aspas, não foi colocada com o objetivo de restringir ou aludir a festa como mecanismo de referencia a figuras em específico, assim como o todo festivo, cada figura presente possui uma carga simbólica aludida a tarefas do funcionamento de cada grupo.

A feijoada ao meio dia é servida no sentido de camaradagem consensual, isento de conflitos e por ela, ambos os grupos reúnem-se de forma simbólica em que o espaço da comensalidade enfatiza um mecanismo de pacificação temporária.

Nesse clima, a tarde dá início as encenações finais. Aonde cada grupo em ritmo de cortejo e muita dança deslocam-se até a casa dos personagens convidando-o e aclamando-o para que assim façam parte do grupo. Os negros reverenciam com batucadas e fogos a Mãe Suzana e por conseguinte o Pai Juá.

Mimeticamente projetada, cada busca, cada música e cada atitude contem signos e significados que formam a noção do todo como um evento ritual, ou seja, os personagens que aqui se encontram carregam pelo processo ritual a sua importância do evento, a sequência em que cada personagem é inserido nada mais é que a organização dos sentidos dados pela própria sociedade representada. Da mesma maneira os caboclinhos organizam o cortejo para buscar o seu rei e continuam a percorrer as ruas com entoadas e alegria.

Seguem pelas ruas ambos os grupos seguem em sentidos opostos, mas o encontro consolida o segundo embate, destaque para os reis dos grupos que tomam a cena e o clímax final se aproxima.

Porém, é neste momento que lambe sujos sequestram a rainha dos caboclinhos, eclodindo a guerra e o conflito se instaura. No decorrer das próximas ações volta-se na libertação da rainha dos índios, duas tentativas de invasão dos caboclos ao mocambo não tem resultado esperado.

Observa-se uma possível conciliação entre os grupos, mas na terceira tentativa os índios invadem o mocambo e conseguem expulsar os negros, toda essa ação baseada em lutas encenadas e falas de imposição, finalizando com a queima do mocambo como símbolo de resistência, de sentido e mítica das lutas sociais.

## **DA FESTA COMO PERFORMANCE E CONTRADIÇÃO SOCIAL**

Discorrer sobre a teoria da festa é encontrar sentidos diversos que estão incutidos, isto é, o engessamento acerca da teoria não conduz a compreensão do evento com sentido social ao contrário, o distanciamento de entendê-la como uma estrutura composta de ritos, mitos e lendas é quem a fomenta e a conduz na sua desenvoltura.

O confronto final e o reestabelecimento da ordem, negros aprisionados após resistência enfática aos caboclos, encenado as margens do rio Cotinguiba (rio este símbolo de progresso econômico) estrategicamente escolhido para ressaltar o percurso festivo encontra-se alinhado ao contexto emblemático de Laranjeiras.

Os processos dos rituais inclusive a festa são vistos como um fato social total já que se baseiam em princípios simbólicos de análise, algumas legitimadas pelo viés cultural, outras pelo dinamismo das relações, mas o que tanto o ritual quanto a festa consistem é, sobretudo numa estrutura que embasa e legitima a sua existência, resgatando um passado e localizando seus indivíduos dentro de contextos históricos.

De acordo com Cavalcanti (2013, p.421) “(...) nesta retórica de dualidades que as interações se estabelecem e dão significado aos processos, no momento que o natural pressupõe a desordem, o social, a intersubjetividade dos grupos pressupõem as normas, regras, a um ordenamento social”. Sendo que ao representar teatralmente a história da formação da cidade, seu papel será de decodificar, compreender e relembrar o passado social correlacionando com o presente.

Portanto legitimar a história de um povo pela retomada anual da teatralização é enfaticamente lembrar sua origem social como processo de constante dinamismo, ao pensarmos este evento como um modo privilegiado de expressão de sentimentos coletivos e individuais ao mesmo tempo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A festa é um processo cíclico, tendo a necessidade de retomar os laços da sociabilidade e também se preocupando na liberdade momentânea. A coletividade é enaltecida e considerada como um dos momentos de suma importância no desempenho e consolidação dos papéis sociais.

A noção de continuidade permeia sobre o estudo de festa estruturalmente falando, já se termina uma projetando a outra. A dinâmica cultural não se estagna justificando o porquê que as repetições dos fatos estão muitas vezes vinculadas a sentidos perpetuados e que ao longo dos anos tornaram-se intrínseco na história da sociedade, “os atores morrem, mas a peça continua”<sup>6</sup>.

---

6- Palestra do II Colóquio de Festas e Sociabilidades pela Prof.<sup>a</sup> Eufrásia Cristina Meneses Santos, 2008

Logo, a festa é vivida, experimentada e só tem sentido por aqueles que a vivenciam. Destarte, compreendê-la não é resumir como manifestação sem sentido social, ela vai interpelando a historicidade humana que a representa teatralmente, integrando a pluralidade dos mundos ali representados, ao mesmo tempo em que mantém a relação dialética do cotidiano e da não ruptura.

Festejar, teatralizar significa muitas vezes o retrato da experiência social, integrando vários elementos, rompendo o cotidiano e compondo valores e sentimentos distintos, perceptível na encenação de luta apresentada. Marcadas por seus gestos, num espaço específico e sempre com a necessidade de serem reafirmados.

Para Rosa (2002, pg. 24) “festa é um espetáculo, podendo ser, até mesmo, o espetáculo. Como forma de lazer, a festa denota sentidos e significados diversos, como ordem, desordem, diversão, trabalho, segurança, conflito, convivência, efervescência, excesso, ambiguidade, gratuidade e espontaneidade. Tempo e espaço festivos tem enunciados, dentre suas características, a inversão e a transgressão”, possuidora de elementos *sui generis*, condicionada em tempo e espaço específico, não a torna uma experiência desorganizada e sem sentido social.

Além disso, como afirma Perez (2000, p.47) “festa é consumação, dispêndio, sacrifício, troca- dom, reciprocidade, ou seja, o ato de produção de vida”, não sendo diferente ocupa na vida dos homens um lugar privilegiado de legitimidade e aceitação, a qual as suas dinâmicas condicionam a sua permanência.

De outro lado, a festa pensada como ritual torna-se a chave para compreensão da sociedade ao qual estamos inseridos, ao esquematizá-los e projetá-los na perspectiva do sagrado compreende-se sua relevância para o social e de como seus significados tomam sentido naquele determinado contexto aceito e inseridos. Rituais cruzam as fronteiras do mágico- religioso, é a exceção entre o cotidiano e o mítico.

A história oral permeia a festa e torna-se contínua nos discursos dos seus participantes, localizando a vida contextual e histórica de um povo, operando na reconstrução, situando as identidades para legitimar muitas ações do presente. Por isso que a permanência da teatralização dos lambeijos e sua saga pela liberdade dura há mais de nove décadas.

Festejar faz parte da existência humana, este trabalho buscou mostrar como é possível uma única festa conter sentidos e variações pertinentes, pois é por esta que o negro reafirma a sua condição inferior, construída ao longo da história nacional, mesmo

após inúmeras revoltas, tentativas de fugas, os lambe sujos comemoram a sua própria derrota.

Objeto de contradição social, a festa serve para ratificar a estrutura dominante em que a história do Brasil esteve imersa, aonde negros permanecem excluídos do cenário social, que a aparente desordem logo dá lugar a reorganização das relações sociais, neste evento os indígenas capturam e devolvem os negros para seus senhores, encerrando os conflitos e reestabelecendo a ordem.

Sendo pelo teatro e pelo ritual um mecanismo que confere ao imaginário a sua função de representar no sentido mais conceitual uma carga simbólica aonde o sujeito localiza seu tempo e espaço dentro da estrutura social.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Côrtes, Gustavo Pereira.(2000). *Dança, Brasil! : festas e danças populares*. Belo Horizonte: Editora Leitura.

Cavalcanti, Maria Laura de Castro. (V.03.06: 411- 440 Novembro, 2013) *Drama Ritual e performance em Victor Turner*. Sociologia & Antropologia. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. E Gonçalves, José Reginaldo. (orgs.) (2009). *As festas e os dias: ritos e sociabilidades festivas*. Rio de Janeiro: Contracapa.

Cascudo, Luis da Câmara. (2000). *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global.

Dantas, Beatriz Gois. (1988). *Vovó Nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro.

Durkheim, Émile.(2003). *As formas elementares da vida religiosa*, 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.

Duvignaud, Jean. (1983). *Festas e civilizações*. Fortaleza: Edições Univ. Fed. Ceará, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda.(1986). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A.

Geertz, Clifford. (2008). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LCT.

Gennep, Arnold Van.(1978). *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Vozes.

Lévi-Strauss, Claude.(1976). *O pensamento selvagem*. São Paulo: Nacional.

Mauss, Marcel. (2003) *Ensaio sobre a dádiva. Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naif.

- Menezes, Virginia Lúcia. (1986) *Levantamento das manifestações de teatro em Laranjeiras Sergipe*. Aracaju: FUNDESC.
- Peirano, Mariza.(2003) *Rituais ontem e hoje* . Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_.(1995) . *A Favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Damará.
- Perez, Léa Freitas. (2002). *Antropologia das efervescências coletivas. Dionísio nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo – Por uma antropologia das efervescências coletivas*. In: PASSOS, Mauro (Org.). *A festa na vida: significado e imagens*. Petrópolis: Vozes.
- Rosa, M. Cristina. (2002).*Festa , Lazer e Cultura*. São Paulo. Papirus.
- Sansone, Livio. (Organizador). (2012). *A política do intangível: museus e patrimônios em nova perspectiva*. Salvador: Edufba.
- Schechner. Richard.(1985) *Between Theater and Anthropology* . Phidelphia : University of Pennyslvania Press.
- Tinhorão, José Ramos.(2000) *As festas no Brasil Colonial*. São Paulo:Ed.34.
- Turner, Victor.(1974).*O Processo Ritual- estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_.(2002) *A Floresta dos Símbolos: aspectos do ritual ndembu*. Niterói , EdUFF.
- Wagner, Roy. (2010). *A invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naify.

**ANEXOS:**



**Lambe sujos**



**Caboclinhos**



**Personagens**



**Cenas Finais**

\*Fonte: pesquisa de campo da mestranda  
Apresentação dos Lambe sujos e Caboclinhos  
Laranjeiras/SE, 11-10-2014